

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Modos de ver...

SABER ESPERAR...

Sinais dos tempos

CANTIGAS DA MINHA TERRA

Pelos animais

Algumas vezes temos dito qual a orientação do nosso Jornal, mas parece que ainda não é o suficiente para que todos compreendam as nossas intenções, o nosso fim.

Defender os princípios republicanos, defender os interesses da nossa Terra, defender o prestígio da República, defender a integridade da nossa querida Pátria, tem sido o nosso principal objectivo.

E' dentro destes princípios que temos procedido, merecendo-nos também especial atenção a correcção e lealdade que sempre procuramos ter, nunca deixando de fazer Justiça a quem quer que seja.

Não obstante assim ser, temos notado que a nossa orientação, que procuramos adaptar ao nosso modo de ver e de pensar, tem merecido a crítica de algumas criaturas.

E' mesmo de crer que a nossa linha de conduta não agrade a todos — a Grégos e Troianos — mas isso é o que menos preocupa o nosso espirito, uma vez que reconhecemos — e como nós o deve reconhecer toda a gente de bem — que a Justiça e a Verdade devem estar muito acima de todos os caprichos e preconceitos.

Isto significa apenas que nós atacamos quando devemos atacar, e defendemos quando devemos defender.

Quantas vezes não temos feito os mais rigidos ataques a certos inimigos da República — quando esses ataques são justos e merecidos — e quantas vezes não temos tido palavras de aprêço para com determinados individuos que não são republicanos?

Esta pequena prova é mais do que suficiente para confirmar tudo aquilo que temos escrito acerca da nossa orientação — que é a de «A Velha Guarda».

Mais uma vez fica aqui manifestado o nosso pensar e o nosso sentir, deixando que os nossos criticos continuem com os seus «Modos de ver».

Em todas as idades, sempre os homens consagraram à esperança a cor verde, a mais bela das cores.

O verde simboliza os bens que hão-de vir; é a cor que, nos campos, precede e anuncia as colheitas; é a cor com que a primavera nascente sorri às regiões desvastadas pelo inverno; é a cor que, no mar, assinala a visinhança da costa ao viajante desesperado.

O verde é a mocidade, a frescura, a vida plena e pujante: é a cor da esperança que nunca envelhece.

Os magos antigos atribuíam à esmeralda, pedra verde, a faculdade de dar vigor aos velhos, de favorecer as empresas arriscadas e de facilitar o dom profético.

Hoje, não acreditamos que haja pedra, por mais verde que seja, capaz de restituir ao ancião decrépito a mocidade, ou de dar ao homem o poder de devassar o futuro.

Mas a esperança, que a esmeralda simboliza, se não realiza tudo isso, dá aos homens ilusões, que são creadoras de paraísos.

Pois se a esperança é o único bem real da vida, «o sonho do homem acordado», como a definiu Aristóteles, eu não compreendo como alguns republicanos a perdem, a deixam morrer, só por que uma amargura mais forte, ou uma desilusão mais funda eles encontram no caminho da sua vida.

Quasi sempre o que estraga a sua esperança é a impaciência, que é a sua aza negra, o seu génio mau.

As suas esperanças não passam de desejos ardentes, mas fugidios.

Se um chefe, um leader do seu partido vai por caminho errado, vem logo o desânimo, a impaciência, a amargura, a renúncia.

Se a bandeira do seu ideal não tem, em certas mãos, a allivez, a frescura, o encanto de outros tempos, escondem o amor e a crença, a vibração e o entusiasmo, como se fôsem uns vencidos da vida.

Se o sistema político e social que desejam não derrama depressa, sobre a terra e os povos, todo o nectar das perfeições, nasce nos seus espiritos o pessimismo que é a anulação da consciência e da vontade.

E' necessário saber esperar. Toda a força efectiva e toda a verdadeira superioridade são confiantes e exaltadas.

A República estaria condenada a uma morte próxima e inevitável se o pessimismo, como doença endémica, se alastrasse por toda a parte.

Nada de bom se alcança sem porfiado labor, nada de bom se colhe sem que a semente lançada à terra se dê um pouco de esforço, algum carinho, um tudo nada de amor.

Eu sinto — oh se sinto! — uma profunda devoção pelos meus camaradas que fazem da esperança a irmã gémea da Fé, que abasam as dores e os infortúnios, recalçando-os no coração dolorido,

E' verdadeiramente vergonhoso o que se passa no jardim público. Nem as tábuas dos bancos escapam à malvez de certas creaturas — vadios profissionais, que passam o tempo como querem e como entendem, sempre senhores do seu papel.

O que se passa no jardim é revelador duma falta de educação sem igual, que nos envergonha e nos compromete. Não é só a destruição dos bancos, mas é também o estado pòrco em que os mesmos se encontram, muitas vezes em tal estado que ninguém se pode utilizar deles.

E o que representa isto? Falta de educação e também falta de fiscalização. Portanto é necessário que as autoridades tomem as devidas providências. E' preciso fazer uma limpeza geral, quer no que diz respeito à moral pública, quer ainda no que se refere a hygiene, uma e outra coisa muito descuidadas nesta terra.

Quanto a hygiene, sabemos que o senhor Sub-Inspector de Saúde tomará as indispensáveis medidas desde que não lhe falte o auxilio das entidades respectivas, sem o que nada poderá fazer. Estamos a atravessar um período de decadência — sob todos os pontos de vista — que aterroriza todo aquele que se preza de ser vimaranense. Olhem, pois, um pouco mais atentamente para esta terra aqueles que presentemente têm sob a sua guarda os destinos da mesma. Nós, que somos vimaranenses e que nunca negamos os nossos serviços a tudo que diga respeito ao progresso de Guimarães, sentimos profundamente o que actualmente se passa, e que bem poderia evitar-se com um pouco de boa vontade, de ponderação e de bom senso. Chamamos, para tudo isto, a atenção de quem deve olhar para a nossa Terra, mas olhar com olhos de ver...

Escola do Sagrado Coração de Jesus

Esta simpática escola, fundada no ano de 1881, a expensas da benfeitora e associada D. Maria José da Silva Costa, acaba de ser oficializada, sendo nomeada para a sua regência, a professora (Diplomada) D. Beatriz da Anunciação da Costa Alves, a quem felicitamos por tal motivo.

para sentirem melhor a áncia de viverem para o seu sonho!

Palpita neles, numa ardente agitação que nunca se enfraquece, a chama do ideal, e esta chama é claridade e fogo a que eu rendo a homenagem do meu affecto.

Sejam estes iluminados o exemplo para os descrentes.

Sejam eles a estrela divina a guiar os seus passos, o divino calor a aquecer as suas almas.

JOSE BARATA.

Minha pergunta é sentida
O' fonte do meu lugar:
Porque é que passas a vida
Eternamente a chorar?...

A minha amante é um fedelho
E vive na roda-fina...
Traz a saia p'lo Joelho,
Fuma e toma cocaina...

Domingo vi-te na fita
Ao lado dum papo-sêco...
Levavas saia de chita
Comprada no Parrameco...

E's de Braga, pouco importa...
Só te peço p'ra jurares
Que hás-de fechar sempre a porta
Quando saires e entrares...

A minha Terra é ingrata
P'ra os filhos que vê à luz;
Dá a extranhos oiro e prata
E dá aos seus uma cruz...

De tanta cruz eu fugi,
Não sei se fiz mal ou bem...
E agora, longe de ti,
Mais te quero Terra-Mãe...

A água ali de Traç-Gaia
E' fria, não tem sabor...
Mas põe tam branquinha a saia
De rendas do meu amor...

Chamei-te bruxa a brincar
E tu com modos tam belos
Disseste: — Vou-lhe deixar
Quando morrer os novelos...

Na rua de D. João
As raparigas, em massa,
Sentam-se às portas, no chão,
E dizem mal de quem passa...

Que não és linda, alardeia
O povo doido, à compita...
Ele passa e diz: — que feia!...
Eu passo e digo: — bonita!...

Dizem baixo, em certo meio,
Mas não acredito, não,
Que o teu redondinho seio
Tem chumaços d'algodão...

Passai, olhaste de lado,
E começaste a cantar...
Tens nariz arrebitado,
Hás-de ser ruim d'assoar...

Eu só peço p'ra voltar
A mimmo, que consolo!...
Sabes p'ra quê?... P'ra chuchar
Nos biquinhos desse colo!...

Teu avental branco e novo
Co'a fita azul tem mais graça!...
Mas a má lingua do povo
Já badala que és talassa!...

Se ao Miradouro for's dar
Repara no que te metes...
Podes lá as pernas deixar
P'ra cabos de caivetes...

As tuas tranças doiradas,
Que lhe fizeste, anda, fala?...
Assim de tranças cortadas
E's um perfeito magala...

Tens na face uma còvinha
Feita de graça e desejos...
Minha boca anda mortinha
Por lhe dar dois grandes beijos...

Está reorganizada, nesta cidade, a «Sociedade Protectora dos Animais» — cujo fim é verdadeiramente altruista.

Evidentemente que ha necessidade de termos compaixão para com os irracionais, que geralmente são castigados barbaramente, quando, a maior parte das vezes, esse castigo devia recair sobre quem lho applica. Não pode admitir-se nem tolerar-se que os animais sejam vítimas de tantas crueldades e maus tratos, como em geral sucede. Para corrigir estes crimes, está instituída em várias terras a «Sociedade Protectora dos Animais», que é indubitavelmente uma instituição que deve merecer o auxilio e a simpatia de toda a gente.

Defender os animais dos implacáveis castigos que lhes infligem é cumprir um preceito humanitário.

Porém, para que a existência desta «Sociedade» tenha razão de ser, é preciso que todos os sócios cumpram o seu dever, e que consiste, mais ou menos, no seguinte: «Cumprirem e fazerem cumprir as Leis que sejam benéficas aos animais e os regulamentos que se publicarem no intuito de os proteger; reclamarem dos agentes das autoridades competentes todo o auxilio que julgarem necessário para coibir e corrigir todas as crueldades e maus tratamentos feitos aos mesmos; participarem à Direcção a falta de providências dos agentes das autoridades, quando a estes sejam feitas as devidas reclamações».

Sendo assim, isto é, cumprindo cada sócio todos os seus deveres, a «Sociedade Protectora dos Animais» — agora em progresso na nossa Terra, corresponderá ao seu fim, humanitário e patriótico, tanto mais que, como disse Victor Hugo, — a «Protecção aos animais faz parte da moral e da cultura dos povos».

PARTEIRA

Na Faculdade de Medicina do Pôrto, concluiu brilhantemente com a classificação de 14 valores, o curso de parteira, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria de Lourdes Couto, filha do nosso amigo Sr. João do Couto Salgado, solicitador encartado, nesta cidade.

As nossas felicitações.

Os teus dedos afiados
De marfim são um tesoiro...
Davam fusos delicados
P'ra fiar estrélas d'oiro...

Naquela festa, à Santinha
Senhora da Conceição,
Se me der's a passarinha
Prometo dar-te um sardão...

Não olhas p'ra mim direita
E não encaras comigo...
Santa Luzia te esprieta
E faz um dia um castigo...

Em 1929.

DELFIN DE VIMARANES.

O truculento e medonho tribunal do Santo Officio, lançou nas fogueiras em nome de Deus, para cima de mil quatrocentos cincuenta e quatro criaturas em Portugal.

Dr. Alexandre Simões Sampaio

Concluiu ha dias a sua formatura na Universidade do Pôrto, com a honrosa classificação de 14 valores, o nosso prezadíssimo amigo Snr. Dr. Alexandre Simões Sampaio, filho amantíssimo do nosso querido amigo e velho republicano Snr. Vitorino Simões Lopes Sampaio, director deste jornal.

Ao novel médico, os nossos cumprimentos com o desejo das maiores felicidades no mister a que vai dedicar-se.

Este número foi visado pela
Comissão de Censura

Águas públicas **Dia a dia**

E' confrangedor, mete dó, o vêr-se o desmazê-lo que para aí reina pelo que diz respeito a coisas municipais.

Parece que tudo se encontra amodorrado pelo torpor, que o sono tomou de assalto os nossos *ilustres édis* ou que se encontram extasiados pelos suavíssimos acordes do cavaquinho do mui conhecido «Tio António», tal o silêncio que cinge e caiu sobre administração das coisas públicas...!

E' confrangedor, para não dizer revoltante.

Isto de se fazer carreira pela ronha, de conquistar os aplausos das multidões porque *in illo tempore* se conseguiu ajustar à lombada uma «quinzena» de campões, se volteou regularmente o vira, e se criou fama deitado na cama, é velharia que não pega na época actual dos cabelos à *ninon* e das calças à *pneu-balon!* O modernismo incita a maior talento, a maior golpe de vista e a acções decididas, rápidas. Um administrador não pode ser um empata.

Tem a necessidade de se adaptar à época em que vive e de desenvolver uma actividade digna do lugar que ocupa. O contrário será o mais inane dos esforços e a mais prejudicial das atitudes. Quem desconhece que o desenvolvimento duma terra, duma cidade ou duma vila tem uma marcha acelerada, progressiva? Quem supõe parar uma máquina em movimento sem que não sustenha a força que a propelle?

Oh! doce ilusão... ridícula vontade...!

O progresso no-lo diz: por mais desejos que se acalentem em travá-lo, é uma impossibilidade que nos inferiorisa e diminue.

Há que segui-lo, acompanhá-lo na sua pressurosidade...

Vem isto a propósito da notícia que nos chega, como alarme, de que se por infelicidade nossa houver um incêndio em Guimarães, **ver-nos-hemos reduzidos a torresmos por falta de água!**

— Quem nos acode! Quem nos acode!

E' impossível que católicos... praticantes ponham todos os seus semelhantes ou inimigos figadais na contingência de os assar neste grande forno crematório que é a cidade de Guimarães!

Para onde foram os pruridos católicos?

Mas ninguém desconhece que as torneiras dos marcos fontenários desperdiçam água noites inteiras, *milhares de litros de água*, e que os depósitos destinados aos incêndios, não tem a capacidade de liquido suficiente para meia hora de jacto...

O que quererá isto dizer!

Não são verdadeiras as noticias que nos revelam?

Ah, tempos, tempos!...

Os contrasensos, os paradoxos dos malvados dos políticos que obrigavam as soperas à bicha, mas que nunca descuraram a vida da população vimaranense nem descansavam enquanto que a água não bastasse para as necessidades primaciais!

Não morremos de sede, nem estivemos sobre brasas.

Há certa diferença entre o *aplombe* dos que seguem nas caudas das procissões, de bastão e opa, e aqueles que a sério cuidaram dos interesses concelhios, sem vaidades e sem reclames.

Entre os animais ferozes, o de mais perigosa mordedura é o delator; entre os animais domésticos, o adúlador.

Appenda-se, parte da casa de Roma, bem como todos os quintais.
Ver e tratar na mesma.

A Imprensa diária tem-se referido à circunstância de terem aparecido, em terras várias do País, quadrilhas de gatunos.

Entre nós também tem aparecido disso, pois ainda há poucos dias se fizeram algumas tentativas de roubo na freguesia de Urgezês, d'êste concelho.

Não era de esperar outra coisa da crise de trabalho, assunto que temos debatido aqui por diversas vezes.

A falta de *ganha-pão*, que é o mesmo que a falta de trabalho, tem como consequência mais próxima o roubo. Infelizmente, a confirmação disto está a dar-se, não só em Guimarães como noutras terras, havendo, portanto, mais do que nunca, uma necessidade absoluta de se providenciar, sem delongas, no sentido de alguma coisa ser resolvida quanto à crise de trabalho.

Compete ao Estado, na sua maior parte, a promulgação de medidas relativas a este assunto, e igualmente compete às Câmaras Municipais, prestar todo o seu auxilio à normalização d'êste terrível flagelo. E' natural que em poucas terras suceda o que actualmente sucede em Guimarães — onde a Comissão Administrativa do Município suspendeu, já há bastantes meses, tôdas as obras municipais, concorrendo d'êste modo para o agravamento da crise de trabalho.

Esta resolução, desagradável à opinião pública, não se justifica. São várias as razões, que temos apresentado e defendido, mediante as quais nenhuma dúvida temos em continuar a afirmar que é um crime continuarem paralizadas as aludidas obras, visto que tem sido recebida uma *receita própria* para elas.

Meditem os senhores vereadores na gravidade do assunto em questão, e verão que a razão está tôda do nosso lado — combatendo a paralização das Obras Municipais e lutando pela resolução da crise de trabalho — geradora de quadrilhas de gatunos e de criminosos assassinos.

Mais uma vez fomos instados para continuarmos com as nossas considerações sobre a administração das *receitas* de S. Torcato.

Como já dissemos, não temos ainda os elementos precisos para falarmos *alto e claro*, como é nosso costume, se bem que reconhecemos que aqueles que têm vindo junto de nós têm tôda a razão querendo saber o que se tem feito a tanto dinheiro.

De facto, ou o Santo tem *grandes fundos* ou tem beneficiado *alguns devotos*.

E' isto o que nos interessa averiguar, para se pedir a responsabilidade a quem de direito. Por isso, a demora não deve prejudicar ninguém, e tanto mais que, pelo menos da nossa parte, só temos em vista fazer Justiça e nada mais. Para assim ser, não é de *ânimo leve* que tentamos pôr êste assunto em *pratos limpos*, mas sim usando de tôda a prudência e aproveitando-nos unicamente da Verdade.

E' dentro destas normas que trataremos do caso, mas em ocasião oportuna, como já dissemos, quer pelos motivos expostos, quer também porque o encarregado desta secção, onde teve o seu inicio esta questão, vai ausentar-se de Guimarães durante algum tempo, ficando assim interrompidos todos os assuntos que aqui vinham sendo tratados, de preferência êste.

A Penha continua a ser muito visitada, sendo muito apreciados os seus melhoramentos, aos quais

Dr. Eduardo Menezes Coelho

Em virtude do grave ataque de congestão cerebral que em pleno tribunal o acometeu na semana passada, quando presidia a uma audiência, em tribunal colectivo, faleceu no passado dia 30, num quarto particular do Hospital da Misericórdia, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo M. Coelho, meritíssimo Juiz de Direito desta comarca.

O seu passamento, deixou contristados e imersos na mais profunda dôr os seus numerosos amigos, pois que, todos supunham que a sua grave doença não seria mortal.

O seu funeral teve lugar na passada quinta-feira, saindo o préstito fúnebre do Hospital da Misericórdia, seguindo em direcção à freguesia de Vila Verde, concelho de Felgueiras, terra de naturalidade do desditoso magistrado, sendo acompanhado por longa fila de automóveis, conduzindo elevado número dos seus mais íntimos amigos.

Paz à sua alma.

Baronesa de Pompeiro

Em avançada idade faleceu há dias no seu palacete de Cezins, a Ex.^{ma} Senhora Baronesa de Pompeiro, viúva do titular do mesmo nome.

Os seus funerais, realizados na igreja da Misericórdia, foram assistidos por elevado número de cavalheiros das relações da família da saudosa extinta.

A' família em luto, o nosso cartão de pesames.

Companhia Lusitana de Fósforos

Tivemos ha dias o prazer da visita do Ex.^{mo} Sr. Engenheiro Paiva Manso, dignissimo Inspector-Delegado da florescente Companhia Lusitana de Fósforos, com séde no Pôrto, que teve a gentileza, que muito agradecemos, de nos oferecer 5 caixinhas de fósforos fabricados por esta Companhia, de diversos tipos, com as seguintes marcas: *Pavão*, caixa com 80 fósforos de cera de luxo para 70 cts.; *Girafa*, caixa com 40 fósforos de cera para 40 cts.; *Elefante*, caixa com 40 fósforos de cera, para 20 cts.; *Tigre*, caixa com 80 fósforos de madeira, para 35 cts. e *Leão*, caixa com 40 fósforos de madeira para 20 cts.

As caixinhas são muito elegantes e tem vistosos rótulos e os fósforos são da mais esmerada perfeição e confeccionados com os melhores produtos da especialidade.

Enfim, são fósforos que acendem e ardem até final.

E' depositário nesta cidade, o nosso amigo sr. Francisco Ribeiro de Castro, proprietário das *Casa das Novidades e Papelaria Central*, estabelecimentos que honram sem duvida o comércio local, pelas suas boas instalações.

a Comissão de Iniciativa e Turismo continua a dar o maior impulso.

Chegou, enfim, a ocasião de todos reconhecerem o quanto tem feito a Comissão de Turismo, a quem uns acusavam de inerte e outros ainda acusam de *funcionamento irregular*, etc.

Felizmente, a existência dos factos prova o contrário duma e de outra coisa, constatando-se que a calúnia não produziu os efeitos desejados pelos seus autores.

Noticias pessoais

Acompanhados de suas Ex.^{mas} famílias, encontram-se na Póvoa de Varzim, os nossos presados amigos Srs. Avelino de Faria Guimarães, Dr. Henrique de Oliveira e Sá, Capitão Duarte Fraga, Heitor da Silva Campos e Alberto V. Braga.

— Em gozo de férias, encontra-se nas suas propriedades de Viana do Castelo, acompanhado de sua Ex.^{ma} família, o nosso bom amigo e prezado correligionário Sr. Abel Cardoso, distinto professor-director da Escola Industrial «Francisco de Holanda».

— Esteve nesta cidade, acompanhado de sua Ex.^{ma} família, o nosso estimado amigo e indefectível republicano Sr. Egidio M. dos Santos, antigo vereador da C. M. do Pôrto.

— Nas suas propriedades de Vila Verde, encontra-se acompanhado de sua Ex.^{ma} família, o nosso querido amigo e prestimo correligionário Sr. Mário de Sousa Menezes, distinto professor secretário da Escola Industrial «Francisco de Holanda».

— De Vichi, para onde tinha partido a fazer a sua anual cura de águas, regressou há dias à sua casa de Pevidem, o nosso estimado amigo e prestante correligionário, Sr. Porfirio Mendes Ribeiro.

— Em passeio recreativo, foram há dias a Fátima os nossos presados amigos e valiosos correligionários Srs. Augusto Pinto Lisboa e Francisco José Lopes Correia, abastados proprietários e industriais no importante centro fabril de Pevidem, que se fizeram acompanhar de suas Ex.^{mas} famílias.

— Para S. João de Rei, seguiu há dias acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa o nosso bom amigo Sr. Manuel da Costa Pedrosa, ilustre professor-director da Escola Académica Internato Municipal.

— Continúa um pouco enfermo, o nosso amigo Militão Bastos Teixeira, filho querido do nosso presado amigo e valioso soldado da Republica, Sr. António de Jesus Teixeira.

O fanático D. João III, introduziu em Portugal a Inquisição — Bu'a de Paulo III, de 23 de Março de 1526.

Aluga-se, por 600\$00 anuais, um espaçoso armazem, próprio para arrecadação de vinhos, materiais de construção, etc., medindo 90 m².
Informa-se nesta redacção.

Bombeiros Voluntários

Cinéma ao ar livre

Com extraordinaria concorrência de espectadores, podendo mesmo dizer-se «casas á cunha», passaram em duas sessões no cinéma da parada dos nossos Voluntários, nos passados dias 28 e 29, o grandioso film «Quo Vadis?» adaptado á scena muda pelo consagrado escritor italiano Gabriel de Annunzio.

Nos intervalos, a excelente «troupe» Sevilha-Madrid executou no improvisado palco, interessantes numeros de variedades, sendo muito ovacionados pelos seus bem executados trabalhos.

Feiras Gualterianas

Com grande animação, estão decorrendo as grandiosas Feiras Francas de S. Gualter.

O Largo da Republica do Brazil encontra-se ornamentado a capricho, devendo as iluminações produzirem grandioso e feérico efeito.

A' hora a que escrevemos, atravessam a cidade em direcção ao Largo da Feira, muitos e belos exemplares de gado bovino, que vão concorrer ao grandioso certamen.

Bandas de Musica, percorrem as ruas da cidade, executando o «Hino da cidade», sendo elevado o numero de forasteiros que conduzidos por variados meios de transporte nos visitam nestes dias.

MARIA DE LOURDES GOUTO PARTEIRA

Tratamentos uterinos, diagnósticos de gravidez e partos
Rua 31 de Janeiro — 111

STOCK MICHELIN AUTO-GAZO

RUA DA REPÚBLICA, 88

Calçado a Prestações

A SAPATARIA ELEGANTE fabrica calçado para homem e senhora, de qualidade garantida, a prestações semanais com bonus.

Nunca houve senão tiranos que puseram limites à faculdade de imprimir.

Companhia Portuguesa de Tabacos
Arrendatária das Fábricas do Estado
«ARGOS»
Cigarrilhas de fino e puro tabaco turco
Caixas imitação marfim
Preço 3\$60
Pedidos a
FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
GUIMARÃES